**Dr. David Turner, Matthew   
Aula 7B – Mateus 16: Jesus, a Igreja e a Vida em Forma de Cruz**

Saudações a todos, aqui é David Turner novamente. Esta é a aula 7b, Cristo, a Igreja e o Caminho do Discipulado em Mateus, capítulo 16. Este é um ótimo capítulo, e muitas questões exegéticas e teológicas surgem nele, bem como questões meramente expositivas.

Assim, como vocês podem ver na página 32 dos seus materiais suplementares, optamos por dividir nossa palestra em duas partes. Primeiro, uma exposição do capítulo, incluindo algumas reflexões expositivas. Em seguida, na segunda metade, nos concentraremos em algumas das questões exegéticas e teológicas que são realmente importantes aqui.

Então, primeiro, vejamos o Fermento dos Fariseus e Saduceus em Mateus 16:1-12. Esta passagem certamente não apresenta os discípulos em um de seus melhores momentos. Embora tenham afirmado compreender o ensinamento parabólico de Jesus sobre o reino em Mateus 13, 51 e 52, seu pensamento aqui certamente não manifesta os valores do reino.

Eles se esquecem do recente aviso de Jesus sobre a cegueira dos fariseus em 15:13 e 14, sem mencionar os dois exemplos impressionantes de sua capacidade de prover alimento de forma milagrosa para a alimentação dos 4.000 e dos 5.000 nos capítulos 14 e 15. Seu primeiro lapso de memória os torna insensíveis ao perigo representado pelos fariseus e saduceus, de modo que não captam a metáfora de Jesus sobre o fermento. Como o conflito espiritual entre o reino de Jesus e os líderes judeus não ocupa grande espaço em seus pensamentos naquele momento, eles se ocupam principalmente com questões temporais, como o pão, e cometem o segundo lapso.

Como, por algum motivo, se esqueceram de trazer pão, associam, livre e erroneamente, a metáfora do fermento de Jesus aos seus próprios estômagos vazios, em vez de à crescente controvérsia com os líderes judeus, 15:1 a 14, e ao perigo mortal que esses líderes representam para Jesus. Leia o capítulo 12, versículo 14, sobre isso. Mais uma vez, Jesus, paciente e firmemente, lida com a pouca fé dos discípulos.

Quando ele percebe que eles entenderam mal a metáfora do fermento, ele melhora a compreensão deles, estimulando a memória. Se eles se lembrarem de como ele alimentou milagrosamente milhares de pessoas duas vezes, sobrando mais do que tinha no início, perceberão que a comida não é o problema. Em vez disso, devem se ocupar com a mensagem do Reino, que está sendo cada vez mais intensamente contestada.

Eles precisam estar atentos aos ensinamentos dos líderes judeus. Se fizerem isso, o problema da comida se resolverá sozinho. Essa repreensão aos discípulos é apropriada para os discípulos de Jesus hoje, cuja preocupação com questões temporais e materiais os torna obtusos e esquecidos dos valores eternos do reino.

Hoje, como então, os discípulos precisam ter suas memórias da provisão fiel, até mesmo milagrosa, de Deus para suas necessidades renovadas. Tal lembrança, aliada a uma consciência renovada da batalha espiritual travada contra o reino, 11:12, deve aguçar o foco mental e espiritual do povo de Deus. E agora passamos para a Confissão Messiânica de Pedro, em 16:13 a 20.

Esta é certamente uma das passagens mais importantes do Evangelho de Mateus por sua cristologia e sua visão da igreja. Portanto, podemos apenas comentar brevemente, de forma expositiva, neste ponto, e, como você pode ver em seu esboço, abordaremos bastante esta seção na segunda metade da palestra, na metade inferior da página 32. Mas, apenas para ilustrar a passagem, você notará em 16:13 que Jesus faz sua primeira pergunta aos discípulos, à qual eles respondem em 16:14.

Então ele faz outra pergunta, 16:15, que eles respondem em 16:16. A parte principal da passagem é a resposta de Jesus à segunda pergunta, nos versículos 17 a 19. Esta é a passagem onde temos a controvérsia sobre Pedro ser a rocha da igreja.

E esta é a passagem onde a questão das chaves do reino é mencionada. E muitos livros foram escritos sobre isso, e muita tinta foi derramada. Darei a vocês minha versão resumida depois.

Então, depois de ouvir a interpretação dos discípulos sobre a visão popular de quem Jesus era, a palavra que circulava nas ruas, por assim dizer, nos versículos 13 e 14, Jesus perguntou-lhes a opinião deles. E encontramos isso nos versículos 15 a 19. Depois, eles expuseram sua opinião e acertaram desta vez, o que é sempre bom porque, nos versículos 1 a 12 do capítulo 16, os discípulos não estão em sua melhor forma, mas, pela graça de Deus, acertam nos versículos 15 a 19.

Então, ficamos felizes com isso. Mas, em seguida, Jesus os adverte que não devem contar a ninguém que ele é o Messias. Então, voltamos ao tema do segredo messiânico mais uma vez.

Já vimos isso antes em Mateus. Parece-me que a razão para isso é a tendência das pessoas daquela época de querer um Messias que fosse um personagem político, social e revolucionário, que livrasse os romanos de suas responsabilidades e resolvesse todos os seus problemas da noite para o dia. Jesus não era esse tipo de pessoa, e a passagem central sobre isso, claro, é a citação de Isaías 42 em Mateus 12, onde fica bem claro que ele não é o tipo de pessoa que sai gritando na rua para atrair uma multidão que o siga.

Creio que é isso que acontece em 16:20. Com a crescente oposição dos líderes judeus, Jesus não quer incitar o inimigo nem agitar a multidão antes de sua ida a Jerusalém. Agora, passamos à predição de Jesus sobre sua morte e aos seus ensinamentos aos discípulos em 16:21-28.

Mateus 16:21 é indiscutivelmente um texto crucial na narrativa de Mateus. Segundo uma visão da estrutura de Mateus, 16:21 inicia a terceira seção principal do livro com esta frase. Essa é a visão da monografia de Kingsbury e David Bower.

Essa visão tríplice da estrutura de Mateus não foi seguida neste comentário, mas, ainda assim, Mateus 16 continua sendo a primeira vez em que Jesus anuncia inequivocamente sua morte e ressurreição aos seus discípulos. Em outras palavras, esta é a primeira predição clara da paixão em Mateus. O restante da narrativa de Mateus, dos capítulos 16 a 28, está resumido aqui.

Quase tudo o que acontecerá no restante do livro é apresentado em uma espécie de esboço em 16:21. Este anúncio imediatamente provoca uma forte discordância de Pedro, que, apesar de sua comovente confissão anterior em 16:16, não poderia estar mais errado em 16:22. Pedro é repreendido em 1623 com a mesma veemência com que é abençoado em 16:17, porque suas palavras em 1616 lhe foram reveladas por Deus, e suas palavras em 16:22 eram estritamente humanas, se não demoníacas, em sua origem.

Em 16:24 e seguintes, Jesus se afasta de Pedro, sempre o discípulo modelo, para se dirigir aos discípulos como um todo com a mensagem da cruz antes da coroa, do sofrimento antes da glória, do serviço antes do reino. Pedro deu voz a um modo de pensar que evidentemente era predominante entre os discípulos, e a todos eles deve ser mostrado seu erro fundamental. Bem, algumas reflexões resumidas sobre Mateus 16 antes de passarmos para questões exegéticas e teológicas.

No início de Mateus, confrontos com os fariseus e outros líderes judeus ocorrem à medida que respondem à palavra e às obras de Jesus, em passagens como 3:7, 9:3, 11:34, 12:2, 10 e 14:24-38. À medida que as coisas progridem, no entanto, os discípulos começam a procurar Jesus para iniciar o confronto. Eu disse que os discípulos começaram a procurá-lo? Quis dizer que os fariseus começaram a procurar Jesus para iniciar o confronto.

Observe passagens como 15:1, 16:1, 19:3, 21:23, 22:23 e 22:34. O segundo pedido de sinal em 16:1-4, comparado com 12:38, exige que Jesus alerte os discípulos para que se acautelem de seus ensinamentos, 16:5-12. Isso nos leva ao que talvez seja a perícope mais crucial deste evangelho, onde Jesus recebe a confissão representativa de Pedro sobre sua messianidade e promete edificar e fortalecer sua igreja, em 16:13-20.

Neste momento crucial, Jesus anuncia claramente sua morte e ressurreição pela primeira vez, e então aponta seus discípulos para um estilo de vida de abnegação que será recompensado quando ele retornar em 16 :21-30. Este capítulo continua a sublinhar o tema da oposição dos fariseus, mas agora, pela primeira vez, Jesus diz claramente aos discípulos que a oposição levará à sua morte, 16:21. Mais uma vez, a pouca fé dos discípulos é confrontada enquanto Jesus os prepara para levar adiante a mensagem e a missão do Reino em sua ausência, 16:8.

Apesar de sua fraqueza, eles receberam a revelação do Pai de que Jesus é o messias e se tornarão o fundamento da comunidade messiânica que Jesus edificará, 16:16-18. Seu futuro estará ligado ao de Jesus. Da mesma forma, carregarão uma cruz em seu caminho para a gloriosa recompensa futura, 16:24-28.

Certo, agora passamos para as questões exegéticas e teológicas que selecionamos para discussão em Mateus 16. Primeiro, queremos lidar apenas com a exegese desta passagem crucial, Mateus 16:13-20. Em Mateus 16:13 e 14, Jesus viaja para Cesareia de Filipe, nas nascentes do Rio Jordão, cerca de 40 quilômetros ao norte do Mar da Galileia.

Como observado anteriormente, não está claro exatamente onde ele estava quando iniciou esta viagem. A primeira pergunta de Jesus aos discípulos diz respeito ao consenso popular sobre sua identidade. As respostas que eles dão revelam algo da especulação messiânica que existia no primeiro século.

Herodes Antipas já havia supersticiosamente identificado Jesus com João Batista, ressuscitado dos mortos. A visão de que Jesus era Elias baseava-se evidentemente em Malaquias 4:5, que fala de Deus enviando Elias antes do dia escatológico do Senhor. A especulação de que Jesus era Jeremias ou outro profeta é mais difícil de explicar.

Talvez a associação de Jesus com Jeremias se deva à pregação de julgamento e à oposição de Jeremias aos líderes do templo de sua época. Há também uma indicação de que Deuteronômio 18:15-18 era entendido messianicamente por alguns judeus na época de Jesus. Em suma, essas visões de Jesus são positivas, mas se mostram inadequadas.

A multidão pode ver Jesus como um mensageiro profético de Deus, mas, como a narrativa subsequente tristemente demonstra, sua compreensão é extremamente superficial e inconstante. Em 16:15-17, a segunda pergunta de Jesus investiga a compreensão dos discípulos sobre sua identidade. Isso implica que Pedro responde pelo grupo em 1616, e que Jesus fala a Pedro como porta-voz do grupo em 16:17-19.

A resposta notável de Pedro vincula a messianidade de Jesus à sua filiação divina. O provável contexto do Antigo Testamento para a ligação dos termos messias e filho de Deus encontra-se em 2 Samuel 7:14, 1 Crônicas 17:13, Salmos 2:6-8 e versículo 12, e também no Salmo 89:27 e seguintes. Quando Pedro responde dessa forma, Jesus o declara bem-aventurado.

A consciência de Pedro sobre a verdadeira identidade de Jesus no contexto de confusão entre muitos judeus não se deve a qualquer brilhantismo especial da parte de Pedro, mas sim à revelação especial de Deus a ele. É irônico que Pedro descreva Jesus como o filho do Deus vivo, visto que mais tarde, em Jerusalém, o sumo sacerdote exige saber, em nome do Deus vivo, se Jesus é o messias, o filho de Deus. A pergunta do sumo sacerdote, portanto, retoma os temas principais da confissão de Pedro.

Se a confissão fiel de Pedro é o ponto alto cristológico do Evangelho, a pergunta irada do sumo sacerdote é certamente o ponto mais baixo. A expressão "o Deus vivo" distancia implicitamente o verdadeiro Deus de Israel dos falsos deuses das nações. Agora, em 1618-20, a resposta de Jesus à confissão retumbante de Pedro prossegue com a declaração da autoridade fundamental de Pedro na Igreja, que Jesus edificará.

A palavra "igreja" ocorre apenas duas vezes nos evangelhos, aqui e em Mateus 18:18. Embora muitos protestantes pensem o contrário, parece-me, e discutiremos isso mais adiante, que Jesus brinca com o nome de Pedro para se referir a Pedro como porta-voz dos discípulos, como fundamento da igreja em crescimento, a igreja que está prestes a nascer. Assim como Paulo fala dos apóstolos como o fundamento da igreja em Efésios 2:20, e a imagem de João da Nova Jerusalém coloca as doze tribos de Israel e as doze portas da cidade, e coloca os doze apóstolos como os doze fundamentos da cidade, Apocalipse 21:14.

Tomar Pedro como, em certo sentido, a rocha é a compreensão mais natural das palavras de Jesus, e isso é muito preferível a visões reacionárias que consideram a rocha como Jesus ou a confissão de Jesus por Pedro. Jesus promete que a igreja que ele edificará sobre o fundamento dos apóstolos não será destruída pelos poderes malignos que se opõem a ela. As portas do Hades provavelmente se referem ao domínio de Satanás e da morte, semelhante às portas do Sheol em Isaías 38:10.

A ligação que Jesus faz entre a Igreja e as chaves do Reino em 16:18-19 indica que a Igreja é a agência da autoridade do Reino na Terra. As chaves parecem simbolizar autoridade; Isaías 22:22 é uma passagem-chave, e a autoridade diz respeito a proibir e permitir, ou seja, ligar e desligar. Uma ação proibida é descrita pelos rabinos como estar preso, enquanto uma ação permitida é descrita como estar solto.

Essa linguagem é altamente singular e controversa. Há debates sobre se ela se refere à evangelização, a pronunciamentos exegéticos ou doutrinários, ou seja, ao ensino oficial, ou à disciplina eclesiástica. Também é difícil determinar se Jesus promete que as decisões da igreja serão ratificadas no céu ou que a decisão do céu será ratificada pela igreja.

De qualquer forma, Pedro obriga ou proíbe, e perde ou permite, enquanto ele, juntamente com os outros discípulos, se mostra fiel à confissão feita momentos antes. Após esse notável momento revelador, é impressionante que Jesus proíba os discípulos de torná-lo conhecido como o Messias. Jesus evidentemente faz isso para amenizar a excitação das multidões, que tendiam a ver o Messias como uma figura meramente política.

Isso também pode ser devido à crescente oposição dos líderes judeus ao princípio da soberania de Deus. Agora, algumas das questões exegéticas com a questão da rocha em Mateus 16:18. Ao longo dos séculos, tem havido muita discussão sobre Mateus 16:18.

Em resposta ao ensinamento católico romano sobre Pedro como o primeiro papa e uma sucessão apostólica de papas a partir de Pedro, os protestantes frequentemente argumentam que Jesus não quis dizer que Pedro era a rocha. Em vez disso, tem sido sugerido que Jesus estava falando de si mesmo, de comentaristas como Lenski, ou que estava se referindo à confissão de Pedro, o comentário de McNeill, como o fundamento da igreja. Mais recentemente, o comentário de Gundry argumenta que 16:18 faz alusão a 7:24 e que Jesus quer dizer que edificará a igreja sobre suas próprias palavras.

Mas 7:24 está tão distante de 16:18 que tal alusão é terrivelmente sutil. Às vezes, argumenta-se que Pedro não pode estar presente, visto que a palavra grega para Pedro, petras, é masculina e a palavra grega para rocha, petra, é feminina. Mas isso é uma metáfora, e concordância gramatical e precisão não são necessárias.

Também se argumenta que, como petra significa rocha fundamental e petras significa pedra individual, Pedro não é o fundamento da igreja. Mas, novamente, esta é uma distinção lexical excessivamente sutil e tornaria impossível qualquer tipo de discurso metafórico, que envolva comparação. Não é preciso ter uma identidade para haver uma comparação.

Tudo o que você precisa é de uma semelhança. Parece-me que Jesus está falando de Pedro tão claramente em 16:18 quanto Pedro estava falando de Jesus em 16:16. A metáfora de um fundamento pode se referir, em vários contextos, a entidades como os ensinamentos de Jesus, 7:24, o próprio Jesus, 1 Coríntios 3.10, e o arrependimento, Hebreus 6.10. O contexto individual é decisivo para se chegar a uma decisão sobre a entidade à qual a metáfora aponta.

Neste contexto, a resposta de Jesus à confissão de Pedro é um trocadilho. O termo técnico para isso é paranomasia. É um trocadilho com o apelido que ele acabara de dar a Pedro, 4:18 e 10:2. O trocadilho refere-se ao papel singular de Pedro como o discípulo modelo, cujas palavras e ações frequentemente representam os discípulos como um todo em Mateus.

O futuro papel de Pedro como pregador para judeus e gentios em Atos 2 e 10 também é projetado aqui. Jesus não está se referindo a si mesmo como o fundamento da igreja aqui, visto que se descreve como o construtor. Tampouco a confissão apostólica de Pedro é o fundamento da igreja.

Em vez disso, ele, como apóstolo confessor, é esse fundamento. E não é somente Pedro o fundamento, mas Pedro como o primeiro entre iguais, os outros discípulos, visto que o contexto deixa claro que Pedro está falando pelos apóstolos como um todo em 16:16. Isso se encaixa melhor no contexto de Mateus e também é coerente com outros textos do Novo Testamento que falam de um fundamento apostólico para a igreja, textos como Efésios 2.20 e Apocalipse 21.14. O comentarista batista Broadus, já em 1886, reconheceu isso; confira seu comentário, e comentários evangélicos recentes concordam com essa visão: Blomberg, Carson, France, Hagner.

A verdadeira dificuldade que os protestantes têm com o ensinamento católico romano a respeito de Pedro é a noção de uma sucessão apostólica única emanando de Pedro como o primeiro bispo de Roma. Essa noção claramente insere preocupações políticas anacrônicas no texto de Mateus, que nada diz sobre Pedro ser o primeiro papa ou sobre a primazia de Roma sobre as outras igrejas cristãs. Certamente Mateus não teria endossado a ideia da infalibilidade de Pedro ou de sua autoridade única na igreja, visto que muitas vezes fica bem claro em Mateus que Pedro fala como representante dos outros apóstolos e frequentemente comete erros.

Veja passagens como 15:15, 16:6, 17:4, 25, 18:21, 19:27, 26:33-35, e também Atos 11:1-18 e Gálatas 2:11-14. Nas próprias palavras de Pedro, o próprio Jesus era o pastor principal da igreja, isto é, o pastor sênior, o Pontifex Maximus. Veja 1 Pedro 5:4. Agora, a questão das chaves e do ligar e desligar em 16:19. Como observado acima, Jesus fala de Pedro como fundamento da igreja e como detentor das chaves do reino. A ligação entre o fundamento e as metáforas-chave deixa claro que não se pode divorciar a igreja do reino, mas que o primeiro, a igreja, é a agência pela qual o segundo, o reino, se estende à terra.

O papel eclesiástico fundamental de Pedro e dos outros apóstolos é exercido por meio do manuseio das chaves, que é o exercício da autoridade do reino. Veja Isaías 22:15 e 22, e outras passagens sobre chaves, como Apocalipse 1:18, 3:7, 9:1-6 e 20:1-3. Essa autoridade é exercida por meio de ligar e desligar. Os estudiosos divergem em suas explicações sobre ligar e desligar.

Alguns enfatizam a ideia de que as chaves são uma metáfora da autoridade sobre quem entra na igreja. Assim, os apóstolos, por meio de sua confissão de Jesus, controlam quem tem permissão para entrar e quem tem a entrada proibida. Outros comparam 16:19 a 18:18 e propõem a disciplina dentro da igreja como a área da autoridade descrita como ligar e desligar.

No judaísmo rabínico, o tema de ligar ou desligar era frequentemente aplicado à interpretação cuidadosa da lei bíblica em áreas de conduta pessoal, a chamada halakha. Os rabinos emitiam opiniões autoritativas sobre o que era permitido e o que era proibido na conduta, ao interpretarem a Torá. Não é fácil decidir qual das interpretações acima está correta.

Interpretar 16:16 à semelhança de 18:18 é problemático porque o contexto de Mateus 18 diz respeito à manutenção da comunidade, não à entrada nela. Além disso, o ato de ligar e desligar em 18:18 é uma função da comunidade. Observe que é à igreja que essa promessa é feita, não aos apóstolos.

O problema de interpretar o ligar e desligar em termos do uso rabínico é que o uso rabínico é muito posterior, algumas centenas de anos, provavelmente pelo menos, ao de Mateus, e ocorre em um contexto religioso diferente. A imagem de Mateus em 16:16 a 19 diz respeito à edificação da igreja e à entrada nela daqueles que, com Pedro e os apóstolos, confessam Jesus como o Messias, Filho de Deus. Os apóstolos, portanto, são, em um sentido real, os guardiões do reino, visto que são os líderes fundamentais da igreja, cuja agência estende o reino na Terra.

O papel deles é dar continuidade à proclamação autoritária da verdade de Mateus 16:16 e, ao fazê-lo, permitem que aqueles que confessam Jesus entrem na igreja e, por meio dela, no reino. Aqueles que se recusam a confessar Jesus encontram a porta trancada e trancada. A entrada lhes é proibida.

Hagner discute isso muito bem em seu comentário. Agora, passamos para Mateus 16:24 e 25, onde há uma lição crucial para os discípulos aprenderem. O declínio surpreendentemente rápido de Pedro, de confessor abençoado a adversário repreendido, nesses versículos, deveria falar alto a todos os discípulos de Jesus.

Por um instante, a mentalidade de Pedro torna-se positivamente satânica, pois ele busca dissuadir Jesus de seguir a vontade do Pai. Lembra-se da tentação de Satanás no capítulo 4, particularmente nos versículos 8 e 9? Ele prometeu a Jesus um reino sem cruz, essencialmente: "Tudo isso eu te darei se você simplesmente se prostrar e me adorar". Portanto, o que Jesus estava vivenciando com Pedro, embora Pedro certamente não pretendesse que fosse assim, era muito parecido com o que ele vivenciava com Satanás.

Pedro evidentemente só ouviu que Jesus seria morto. As palavras sobre a ressurreição de Jesus, evidentemente, não foram registradas por Pedro. E o mesmo acontece com os discípulos de hoje, que muitas vezes não compreendem que seus sofrimentos atuais não são dignos de serem comparados à glória que virá com o retorno de Jesus.

16:27, compare com Romanos 8:18. O desejo dos discípulos por um estilo de vida confortável e a evitação do sofrimento é um obstáculo ao reino que só pode ser superado pela graça divina. Veja 19:23-26. Mesmo aqueles que aparentemente superaram a atração da autoexaltação e que seguiram Jesus ainda precisam de reorientação periódica para os valores do reino, como os filhos de Zebedeu e sua mãe. 20:20-28. Os valores e modelos dos governantes deste mundo sempre ameaçam se infiltrar no reino, e os discípulos de Jesus precisam refletir constantemente sobre o seu conselho de que entre vocês será diferente.

20:25-26. Esta é a lição que Jesus ensinou aos seus discípulos após o deslize de Pedro em 16:22. Veja bem, Pedro fala pelos discípulos como um todo quando confessa Jesus no início do capítulo, e Pedro provavelmente fala pelos discípulos como um todo nesta segunda metade. Portanto, quando ele está certo, ele é o primeiro entre iguais, e quando está errado, ele é o primeiro entre iguais. Mas Jesus então ensina a todos os discípulos.

Observe que 16:24 deixa claro que Jesus está falando a todo o grupo, não apenas a Pedro. Portanto, o deslize de Pedro é uma ocasião para que o restante dos discípulos também seja ensinado. Não é que glória e recompensa não aguardem os discípulos fiéis.

Isso fica claro aqui e em Mateus 19:27-29. Mas essa glória e recompensa só podem ser alcançadas após uma vida de serviço abnegado, que segue os passos que Jesus modelou até a cruz. Uma lição crucial, de fato. Agora, finalmente, em Mateus 16, precisamos discutir brevemente o que Jesus estava falando quando se referiu à sua vinda.

Em 16:27, Jesus promete aos seus discípulos que suas vidas de abnegação serão recompensadas quando ele retornar na glória de seu Pai com seus anjos. Esta é uma referência clara à vinda de Jesus à Terra e ao julgamento final. 13:40-41, 24:30-31, 25:31, 26:64. Mas 16:28 é um pouco desconcertante porque parece enfatizar a certeza dessa vinda gloriosa ao afirmar que alguns dos contemporâneos de Jesus viverão para ver o Filho do Homem vindo em seu reino.

Todos os discípulos de Jesus morreram há muito tempo. Portanto, ou Jesus e Mateus estavam errados, como comentaristas liberais como Baer dirão, ou a chamada vinda mencionada aqui é algo diferente daquilo que inaugura o julgamento final. Estudiosos evangélicos, compreensivelmente, adotam a segunda opção e sugerem que Jesus estava falando de sua transfiguração (Bromberg sugere que sim), de sua ressurreição, do envio do Espírito no Pentecostes ou do julgamento de Jerusalém em 70 d.C.

Alguns tentam ver 16:28 como uma predição genérica da glória futura de Cristo até seu retorno à Terra, abrangendo a ressurreição, a ascensão, o Pentecostes e a presente sessão celestial. Carson, France, Hendrickson e Morris apresentam bons argumentos para essa visão. Embora esta última visão tenha algum mérito, parece-me que a primeira é a mais provável.

Jesus está falando de sua transfiguração como uma vinda gloriosa. Vista à luz de 16.28, a transfiguração, que ocorreu apenas seis dias depois, segundo 17.1, equivale a um prenúncio da futura vinda gloriosa de Jesus. Talvez Keener, em seu comentário, esteja correto ao afirmar que a transfiguração introduz prolepticamente toda a esfera escatológica.

Sem dúvida, a transfiguração foi uma experiência gloriosa, 17:2 e 5, mas foi apenas temporária e serviu apenas como uma prévia do que viria com permanência no futuro retorno de Jesus à Terra. E alguns dos que ouviram Jesus fazer a predição em 16:28, a saber, Pedro, Tiago e João, testemunharam a transfiguração, de acordo com 17:1. O próprio Pedro parece refletir sobre sua participação na glória temporária da transfiguração como uma antecipação confirmadora da verdade da poderosa vinda futura de Cristo à Terra em 2 Pedro 1:16-18, um texto anterior que apresenta dificuldades semelhantes às de 10:23. No comentário sobre 10:23 e em nossa palestra anterior sobre ele, argumenta-se que esta passagem afirma que a missão da igreja para Israel continuará até o retorno glorioso de Jesus à Terra. Bem, aqui você tem uma visão de algumas das questões em Mateus 16, certamente um capítulo muito importante, desafiador e espiritualmente edificante.

Jesus Cristo edificará sua igreja apesar de pessoas falhas como nós e Pedro nela.